

QUE HÁ COM A C. M. T. C. ?

Requerimento do vereador Cid Franco à Prefeitura de São Paulo

Falando há dias na Câmara da Capital, o comp. Cid Franco assim justificou um requerimento de informação sobre a situação da CMTC:

Sr. Presidente e Srs. Vereadores. Não há, no meu Requerimento, intuídos de política partidária. Penso que qualquer dos Srs. Vereadores poderia assiná-lo.

Desejo esclarecimentos da Prefeitura que é o poder concedente e a maior acionista da C. M. T. C., sobre os seguintes pontos:

1) — Que importâncias foram adiantadas pela C. M. T. C. a firmas fabricantes de carrocerias de ônibus?

Estou informado, não oficialmente, de que houve grandes adiantamentos de numerário, pelo menos a

uma empresa. Daí a razão de ser da pergunta seguinte:

2) — E' exato que já foram pagos, adiantadamente, à Auto Diesel Importadora, ou firma que a mesma representa, cerca de 2 milhões e 500 mil cruzeiros?

Conforme a resposta do Executivo a essa questão, indagarei, em época oportuna, quais os fornecimentos que justificam aquele grande adiantamento.

(Continúa na 2.a pag.)

Folha Socialista

Directores responsáveis:
Antônio Cândido e
Arnaldo Pedrosa d'Horta
Gerente:
Febus Gikovate

ANO II - 15 DE NOVEMBRO DE 1949 - N.º 39
PREÇO DO EXEMPLAR — Cr\$ 0,50
EDITADO PELA COMISSÃO ESTADUAL DE SÃO PAULO DO
PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO

Redação:
Praça da Sé, 237 - 2.º and.
Telefone: 3-9784
SAO PAULO — BRASIL

«AO GOVERNO NÃO TEMOS ABERTO E NEM ABRIREMOS NENHUM CRÉDITO DE CONFIANÇA»

Integra das resoluções aprovadas pela Convenção Nacional do P. S. B.

O Apoio dos Socialistas à Candidatura Prestes Maia

O PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO apoia a candidatura PRESTES MAIA porque:

— Prestes Maia é um homem honesto e administrador eficiente. Seu passado é uma garantia de que cumprirá suas promessas e realizará um governo decente e operoso.

— Um governador honesto significa, para o povo, um homem que cumpra a Constituição e as leis; que não empregue os dinheiros públicos em negócios próprios ou de protegidos e amigos, como se faz presentemente em São Paulo; que considere o exercício do poder como encargo confiado pelo povo para execução de um programa e não como ocasião para satisfazer vaidade, ambição de mando, interesses pessoais ou de um grupo, como acontece agora; que não permita prisões e espancamento de trabalhadores, como faz o atual governo, quando esses protestam ou fazem greve, exercendo legítimos direitos assegurados na Constituição; que não faça demagogia, tentando ludibriar o povo, com artifícios de propaganda, provocando o rebaixamento do nível político, o que só beneficia aos grandes capitalistas, aos aventureiros e fascistas que, em épocas de eleições, precisam de encontrar massas de eleito-

res de baixo nível político, intoxicados de propaganda, facilmente enganáveis.

— Prestes Maia se apresenta com um programa de realizações que representa os interesses imediatos essenciais do povo de São Paulo, especialmente dos trabalhadores.

— Nenhuma das outras possíveis candidaturas poderá apresentar as mesmas qualidades, porque re-

Desvalorização do Cruzeiro e Lei de Segurança

Parece-nos haver certa relação entre a pretendida desvalorização do cruzeiro e o projeto de lei de segurança em discussão no Legislativo Federal.

Grupo representativo do escudo capitalismo caboclo pleiteia a desvalorização do papel-moeda nacional. Como sabem os representantes desse grupo anti-social, a depreciação do cruzeiro, no setor interno, acarretará alta sensível de preços. Estes já chegaram a um nível entre nós, que, ultrapassado, levantará reclamações, protestos e reivindicações das populações atornentadas pela luta econômica. Contra este fato previsível, os magnatas da economia nacional querem armar a autoridade pública com uma lei de segurança do Estado, a fim de abafar pela coerção as futuras reações populares.

O Governo da República declarou que não pretende desvalorizar a moeda nacional.

Entretanto, a campanha em prol da depreciação do cru-

(Continúa na 2.a pag.)

presentarão forças reacionárias, do capitalismo conservador ou grupos de aventureiros sedentos de poder, que são sempre os instrumentos do fascismo.

— O PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO não tem quaisquer compromissos com os outros partidos ou agrupamentos políticos que estejam apoiando PRESTES MAIA. Só tem compromissos com o programa de reivindicações imediatas operárias e po-

(Continúa na 4.a pag.)

O PSB e a situação Nacional

A posição do Partido Socialista Brasileiro, na política nacional, tem sido, e deve continuar a ser com os reajustamentos necessários, a traçada pela 1.ª Convenção e firmemente mantida pelas notas da Comissão Nacional e pelos discursos e votos dos nossos representantes na Câmara Federal, nas Assembleias Estaduais e nas Câmaras Municipais.

Por isto mesmo, em qualquer dessas Câmaras, seja qual for o problema nelas agitado, o povo sabe sempre, e de antemão como votará o representante socialista, obediente à linha política traçada pelo órgão partidário competente e preso, livremente preso,

sem mescla de interesse, aos princípios do programa que tem por honra defender e tem certeza que será executado sem transigências, quando o Partido ocupar pelas urnas os postos de comando.

Este o contraste que o Partido Socialista Brasileiro oferece aos olhos do povo em relação aos partidos burgueses, cujo programa se cumpre mais ou menos ao sabor dos interesses da hora, através de ageitamentos, que muita vez o transformam em seu oposito.

Quanto ao Partido Socialista, isso não tem acontecido nem acontecerá. Não há exemplo de um desvio sequer de sua linha política ou de adaptação de princípios do seu programa, às oportunidades do interesse ou às acomodações com o Poder.

Não houve atentado à liberdade a que não tenhamos oposto o nosso protesto mais decidido. Não nos temos acumplicado pelo silêncio nos atos com que os Governos, as Câmaras ou os Tribunais tem de fato cerceado a liberdade de imprensa, de reunião, de existência de partido, restringindo tais garantias exclusivamente aos que, na opinião dos vencedores, são dignos de possuí-las.

Temos sempre protestado contra os atos ilegais com que de verdade se eliminou entre nós o direito de greve, transformado em crime, e contra a autonomia sindical, substituída pelo cativo dos inter-

(Continúa na 6.a pag.)

O CAPITALISMO DEIXOU O BRASIL ASSIM

3 milhões



DE CRIANÇAS ABANDONADAS

SÓ O SOCIALISMO RESOLVERÁ ESSE PROBLEMA

A CRISE FINANCEIRA BRASILEIRA

As manifestações da crise que ameaça de destruição fragorosa o organismo financeiro do nosso país, não podem ser comparadas aos surtos das crises cíclicas que, periodicamente, têm assaltado o regime capitalista desde as primeiras eras. A crise brasileira é uma doença crônica que, a semelhança do que sucede com as enfermidades humanas de idêntico caráter, apresenta também os seus períodos de acalmia e de agravamento dos sintomas.

É verdade que, em virtude do entrelaçamento, da interdependência em que se encontra a nossa economia em relação aos países adiantados, as crises destes não podem deixar de ter reflexos sobre a economia brasileira. A crise nacional, porém, tem de particular a cronicidade a que nos referimos acima. De epidemia passou a ser uma doença endêmica, em virtude da incapacidade da burguesia nacional de encontrar solução, transitória e mesmo fortíssima para os seus importantes e urgentes problemas, lançando mãos dos métodos e processos utilizados por outros povos.

Em todas as oportunidades de agravamento de sintomas da crise, os dirigentes da nação foram buscar nos eternos paliativos dos empréstimos externos e da inflação monetária, a solução da questão, mas semelhante terapêutica somente tem servido para tornar mais grave as exteriorizações da crise próxima. E como não é possível, em virtude mesmo da grave situação internacional, o emprego, agora, desses recursos, assistem impotentes e de certo modo impassíveis, às devastações que a crise está operando no organismo da nação.

Tudo isso nos dá a impressão de que estamos mesmo nos aproximando do grande, do craque final da economia brasileira. Aliás, a observação mais atenta do que está ocorrendo no mundo inteiro, levar-nos à convicção de que o fenômeno é geral, de que o arsenal da burguesia internacional também se encontra esgotado, baldo de novos recursos, pois estamos assistindo a aplicação para velhos males dos mesmos e conhecidos estratagemas, dos mesmos e conhecidos remédios já desmoralizados e inoperantes. É que para a grande crise do regime capitalista não há mais solução dentro das normas desse regime. Estamos, pois assistindo a um final de feira, ao apagar das luzes de um regime que, fechando embora no que toca às conquistas de toda ordem trazidas para o progresso humano, acarretou também o agravamento sem par das condições de vida das massas trabalhadoras.

O controle da economia, a sua planificação científica tentada como expediente heróico capaz de salvar o regime capitalista, somente tem trazido o amesquinhamento do ser humano e daquilo que nos é mais caro: a liberdade. Hoje como na antiguidade a mais longínqua, a planificação da economia, as tentativas de dirigi-la, feita de cima para baixo, isto é, executada pelas privilegiadas camadas dirigentes, terá sem-

pre como objetivo ou consequência, a planificação ou o agravamento da exploração dos trabalhadores. A Rússia stalinista é o mais recente e o mais berrante exemplo disso.

Essa foi de certo a razão porque recentemente a revista "Socialismo ou Barbaria", em seu número de apresentação, afirmou: "nem a divisão da terra, nem a "coletivização" da agricultura são incompatíveis com a exploração moderna, racionalizada e científica dos trabalhadores".

A burguesia nacional tem revelado uma incapacidade inconcebível na solução de seus mais prementes e magnos problemas. O que vemos é crescerem, dia após dia, as dificuldades que se acumulam em seu caminho. Baixa assustadoramente a produtividade do trabalho humano. Exauriu-se a terra, às vezes secularmente trabalhada, como se acontecesse nas zonas onde se cultiva a cana de açúcar. Diminuiu, em geral, a arca cultivada, mas mesmo quando esta é aumentada, o que vemos é a diminuição da produção global do Brasil, determinada, em parte, pela exaustão da terra, na ausência do emprego sistemático do velho princípio de Liebig de se dar à terra o que ela retira as plantas. Como consequência fatal e alarmante, a produção de alimentos não tem crescido na mesma proporção do aumento da população.

Agora mesmo, debatendo-se como já se encontra com mil e uma dificuldade para importar aquelas coisas necessárias ao normal funcionamento do seu comércio e de sua indústria, não sabem os responsáveis pela coisa pública o que fazer para manter o ritmo lento e claudicante com que se faz o movimento de sua balança comercial. As dificuldades aumentarão, certamente se forem confirmadas as previsões desfavoráveis no que se refere à produção de café.

Como ninguém pode ignorar, o café foi sempre a espinha dorsal da nossa economia e ainda agora, apesar de tudo, ainda concorre com mais de cinquenta por cento para a exportação global do país. Não estaremos, pois muito longe de ver os silteiros todos que estão a frente dos nossos dectinos, afirmarem que um povo que vive eternamente privado de tanta coisa necessá-

ria a vida, não sentirá nada se sacrificios, custando os olhos da cara, foi montada Volta Kevier a faltar o cafésinho, artigo de sobremesa e até de luxo. Não lhe faltará o recurso da chicoria, ou de qualquer outro grão vegetal que, torrado, constituirá digna bebida da miserável gente que povoa este recanto abandonado da terra.

As medidas as mais sérias e capazes de provocar certo equilíbrio em nossa balança comercial, são rapidamente tornadas inoperantes, pois de um modo geral os satélites e protegidos do governo, dectas se utilizam como fonte de negócios, quando não de polpudas negociações. É o caso das licenças prétiyas, ou do controle governamental do câmbio. Há carência de divisas para a importação de máquinas para a indústria e para a lavoura, mas não faltam nunca os dólares para a importação dos automóveis de luxo e para aqueles objetos todos de que somente se podem utilizar os favorecidos da fortuna.

Naaa explica que, minguan-do como de fato minguem os recursos em divisas -- a balança comercial no período que vai de Janeiro a Abril do corrente ano, apresenta um deficit de mais de um bilhão e quinhentos milhões de cruzeiros -- para a importação daquelas utilidades todas indispensáveis à existência mesma da nossa gente, tenha sido aplicada a polpuda soma de cerca de duzentos e cinquenta milhões de cruzeiros na aquisição de automóveis para passeio. No mesmo período foram fornecidos apenas Cr\$. 262.612.000,00 para a importação de máquinas, aparelhos e utensílios para a indústria, máquinas para a conservação de estradas.

Muito se tem falado em nosso país da necessidade de montarem-se aqui certas indústrias fundamentais de ferro e aço e a de máquinas para a produção de ferramentais, pois só a industrialização poderia constituir o alicerce sólido da nossa independência econômica. Com enormes sa-

donda, que, apesar de constituir a única obra importante da ditadura, continua sendo uma empresa comercialmente inviável. Inviável sobretudo porque a industrialização do Brasil não pode ser levada a efeito enquanto a agricultura, base de nossa economia, continuar assentada em alicerces tão arcaicos, enquanto a terra for trabalhada pelos mesmos e primitivos instrumentos da época do descobrimento.

Na grande extensão do território nacional, nos recantos mais e afastados, longe de regulares vias de comunicação, ainda se produz para o consumo local, ou apenas do produtor mesmo e jamais como objeto de trocas comerciais.

Resolver, porém, tais problemas seria fazer uma grande, uma verdadeira revolução, em cujos vortices seria tragada o grande privilégio que é ainda, entre nós, a renda territorial, a custódia de que vivem todos os grandes privilegiados desta terra.

Estas e outras questões constituirão o tema para outras colaborações nossas para os leitores de FOLHA SOCIALISTA.

PRAIZA

QUE HÁ NA C. M. T. C.?

(Continuação da 1.ª pag.)

Não me parecendo aceitável, do ponto de vista da ética administrativa e comercial, que o Diretor-tesoureiro da C. M. T. C. desempenhe, ao mesmo tempo, as funções de diretor proprietário ou diretor-acionista de uma empresa que é a maior fornecedora de material à concessionária dos transportes coletivos, redigi a pergunta que se segue:

3) — E' exato que o diretor-tesoureiro da C. M. T. C., sr. Licio da Rocha Miranda, que exerce essas funções desde a fundação da companhia, é também diretor-proprietário ou diretor-acionista da Auto Diesel Importadora?

Caberá, mais tarde, um Requerimento sobre se houve ou não concorrência pública, sobre a forma como se realizou a concorrência, em caso afirmativo. Constando-me que a Auto

Diesel Importadora é, de fato, a maior fornecedora de material à C. M. T. C., redigi o item n.º 4, nesse sentido.

Mas vejamos o número 5. A imprensa noticia que a C. M. T. C. atravessa graves dificuldades financeiras. Isso me parece estranhável, uma vez que os diretores, recentemente, aumentaram os próprios honorários. Daí a pergunta:

5) — Tendo a C. M. T. C. aumentado o preço das passagens dos bondes para 50 centavos e dos ônibus para 1 cruzeiro, e sendo de mais de 1 milhão de cruzeiros, aproximadamente, a renda diária bruta das passagens, quais as causas das dificuldades financeiras por que passa a companhia?

E gostaria, sr. Presidente e srs. Vereadores, que a diretoria da C. M. T. C. provasse não ser de mais de um milhão de cruzeiros a renda bruta diária das passagens.

A sexta pergunta me parece envolver assunto de grande importância, de extrema gravidade, em face do descontentamento reinante entre os trabalhadores da companhia, que esperam o aumento de salários já decidido pela Justiça do Trabalho e sabem que a Companhia teve recursos para aumentar os honorários dos diretores.

O Sr. Sebastião Gomes Caselli — V. Excia. permite um aparte? Também

fiz há dias um Requerimento, em companhia do nobre Vereador Jânio Quadros, no qual tratava da questão de vencimentos de operários da C. M. T. C., que haviam recorrido e ganharam a questão no Tribunal. No entanto, estranhavam eles o fato de, até a presente data, não terem recebido seus vencimentos.

O Sr. Cid Franco — Antes do Requerimento de V. Excia., houve um nobre Vereador Jânio Quadros e meu, depois de uma visita que fizemos à C. M. T. C., acompanhando uma Comissão de trabalhadores...

O Sr. Sebastião Gomes Caselli — Aliás, eu fui procurado.

O Sr. Cid Franco — ...visita de que resultou a entrega de um memorial à Diretoria da C. M. T. C. Grato a V. Excia. pelo aparte.

Sr. Presidente, encerrei desta maneira, portanto, o meu Requerimento, que espero seja aprovado por toda a Câmara:

6) Tem fundamento a notícia, há poucos dias publicada na imprensa, de que a C. M. T. C. não está em condições de pagar o aumento de salários aos seus trabalhadores, já decidido pela Justiça do Trabalho?

Nobres colegas, são esses os meus pedidos de esclarecimentos. Não vejo como a Câmara possa rejeitá-los.

A Desvalorização do Cruzeiro

(Conclusão da 1.ª pag.)

zeiro prossegue, a serviço de uma turma de ambiciosos argentários, que só encara o problema da depreciação sob o ângulo de aspirações imoderadas de lucro.

Que o governo federal tenha sempre presente a finalidade do Estado, que é realizar o bem comum, o interesse geral, e não o de prestar-se a instrumento dos manejos capitalistas.

Na altura das dificuldades sociais em que estamos, acrescentar novas, quais as naturalmente provenientes da desvalorização do cruzeiro, que

já tem poder aquisitivo fraco no mercado interno, é pôr em perigo a paz social e a própria segurança do Estado.

A depreciação do cruzeiro e o projeto de lei de segurança constituem, no momento, um binômio de intranquilidade social.

A primeira medida exigirá a segunda e ambas criação o abismo entre governo e povo.

Cabe aos dirigentes do país evitarem as duas providências, já condenadas por manifestações expressivas e gerais da opinião pública.

Monteiro Gondim

O Problema do Trotskismo e o Partido Socialista Brasileiro

Mais de uma vez se tem afirmado, dentro e fora do Partido, implicita ou explicitamente, que existem no P. S. B. grupos de trotskistas infiltrados. Estes grupos trotskistas camuflados teriam a intenção de apoderar-se da direção do Partido Socialista a fim de lhe imprimir a sua ideologia, ao ver de uns. Para outros, os tais trotskistas visariam desagregar o Partido, destruí-lo ou utilizá-lo como instrumento para a sua eterna luta contra o stalinismo. Muitos fazem estas acusações de má fé, principalmente os elementos estranhos ao Partido e, em primeiro lugar, os próprios stalinistas. Outros procedem assim movidos pelo desconhecimento do problema trotskista ou imbuídos de um temor pânico em face da possibilidade de infiltração estranha nas fileiras do Partido. Outros ainda, felizmente muito poucos, utilizam-se intencionalmente da referida calúnia, cientes embora de sua inconsistência, como arma nas lutas de grupos ou tendências, inevitáveis em nosso partido, como em todo partido realmente democrático.

Parece-nos que o partido muito lucraria com uma análise objetiva e sincera deste problema. Vamos tentá-la em suas linhas gerais.

O trotskismo tem duas significações bastante diferentes. Uma a real e a outra a dada pelo stalinismo.

Objetivamente trotskismo e stalinismo são irmãos gêmeos. São duas variantes do bolchevismo ou leninismo. São duas interpretações diversas de uma mesma doutrina — o marxismo-leninismo, condicionadas talvez pelas condições em que se desenvolvem. O stalinismo é o leninismo no poder. O trotskismo é o leninismo na oposição. O fato de serem irmãos gêmeos, de haurirem ambos na mesma fonte teórica, explica em boa parte a luta levada à exacerbação máxima que se trava entre os dois.

Vejamos as posições trotskistas fundamentais no campo nacional e internacional. Em política nacional os trotskistas se pretendem partido do proletariado, vanguarda conciente da classe operária e visam instaurar a ditadura do proletariado — uma vez derubada o regime capitalista — indispensável à edificação do socialismo. São concepções identicas às dos stalinistas, embora se apresentem em estado de pureza. Não sendo um partido da massa, não estando subordinados a Moscou, os trotskistas não se vêem obrigados às camuflagens as mais diversas, e a bruscas mudanças de sua linha política como é o hábito dos stalinistas. Os trotskistas brasileiros, como já o fizeram mais de uma vez os de outros países, votaram nos candidatos do P. C. B., não obstante a feroz perseguição com que os stalinistas os brindam.

OS TROTSKISTAS E A RUSSIA

Os trotskistas consideram até hoje a Rússia um estado operário, embora degenerado. Afirmam que as conquistas básicas da revolução de outubro ainda se mantêm intactas. Repelem com toda energia a qualificação de capitalismo de Estado atribuída à Rússia e xingam de mencheviques, centristas, etc. todos aqueles que defendem tal ponto de vista. Negam-se também a atribuir à casta burocrática dominante os caracteres de uma verdadeira classe. Acusam a burocracia russa de defender os seus próprios interesses e não os do proletariado internacional. Diga-se de passagem que as críticas dos trotskistas são na realidade inconsistentes e infantis. Visam mais as aparências do que a realidade. Os acontecimentos dos últimos anos mostram a saciedade que a burocracia russa visa de fato a instauração de um regime análogo ao vigente na Rússia, em todo o mundo. Não nos compete investigar se escolheu para chegar à sua finalidade, táticas certas ou erradas. Decorrem desta atitude dos trotskistas logicamente dois fatos. Os trotskistas fazem cóo com os stalinistas na luta contra o socialismo democrático. Por razões já expostas ainda vão mais longe. Não se põem periodicamente em colóquios amorosos com os socialistas e não lhes propõe frentes-únicas com os mesmos propósitos. Em relação à Rússia se declaram defensores intransigentes da mesma em todas as pendências ou conflitos, armados ou não, com os países capitalistas. A palavra de ordem — defesa da U. R. S. S. — contra a agressão capitalista sempre foi a pedra de toque do trotskismo. Grande parte da literatura trotskista é dedicada à solução difícil do espinhoso e complicado problema — defesa da U. R. S. S. e luta contra a burocracia soviética e o stalinismo.

OS TROTSKISTAS DO ANGULO SOCIALISTA

Houve no início um curto período em que stalinistas e trotskistas discutiam entre si como o fazem os adeptos de duas seitas de uma mesma religião. Em breve os stalinistas verificaram que esta atitude era muito perigosa. Ameaçava minar as bases da doutrina totalitária. Admitir a discussão significava por em dúvida os dogmas e, mais do que isso, a infalibilidade dos intérpretes oficiais. A discussão também punha em perigo o caráter monolítico e a atmosfera de unanimidade que devia reinar no movimento comunista. Aliás, a própria lógica íntima dos movimentos totalitários não se concilia com a idéia da possi-

bilidade de livre discussão. A segunda fase decorre naturalmente desta lógica inerente a toda corrupção totalitária. A excomunhão e extermínio físico, que não foram inventados pelos stalinistas — eles não são o primeiro nem o único movimento totalitário — entraram em cena. Aos trotskistas passaram a ser atribuídos todos os crimes possíveis e imagináveis e, em última análise, foram identificados com a reação fascista.

Em período ulterior passaram a ser denominados trotskistas todos aqueles que discordavam, dentro ou fora das fileiras stalinistas, da linha política comunista vigente no dado momento. Dispondo de um aparato de propaganda bem organizado e eficiente não foi difícil fixar o conceito trotskista nesta última incarnação. A custa de calúnias e injúrias, invectivas históricas e palavras de baixo



calão, repetidos diariamente em todo o mundo, foi criado o espantalho trotskista. Os trotskistas, que eram e são pouco numerosos, raros mesmo, em quase toda parte se transformavam em legiões ameaçadoras que surgiam de toda parte e naturalmente

sempre a soldo do país inimigo da Rússia e da humanidade. Se não me engano o trotskista até ameaçou desbançar o nosso lobishomem e chegou a ser usado para ameaçar crianças inquietas e rebeldes.

A palavra trotskista perdeu assim todo o seu significado e passou a ser utilizada como simples xingação, a pior naturalmente de todas.

OS TROTSKISTAS DO ANGULO SOCIALISTA

A campanha tão bem organizada pelos stalinistas não visava apenas preservar a integridade de suas próprias fileiras. Nas discussões íntimas bastava caracterizar uma determinada posição ou objeção de trotskista para destruí-la bem como o seu autor. Este passava então a ser alvo da desconfiança geral e todos dele se afastavam como de um leproso. A tática que visava impedir a livre discussão íntima e tornar efetiva a submissão aos organismos dirigentes superiores foi vitoriosa em toda linha. Mas também os não stalinistas passaram a ter medo pânico instintivo do trotskismo. Também eles deixaram de ver no trotskismo uma determinada ideologia, filiada ao bolchevismo e sim um vago espantalho, um perigo, o Diabo. E era justamente isto que os stalinistas queriam. Queriam, com a acusação de trotskista, feita a elementos de partidos socialistas ou outros, provocar lutas internas, desconfiança, desagregação nos mesmos. E mais de uma vez o conseguiram.

O Partido Socialista Brasileiro também se viu, e ainda se vê, embora em escala mui-

to menor, a braços com o problema do trotskismo. Não com o problema da luta contra um grupo trotskista real e sim com o da luta contra indivíduos que os stalinistas acusam de trotskistas. O tempo se encarregará de mostrar que se tratava apenas de uma manobra stalinista que visava impedir a formação e o desenvolvimento do Partido Socialista.

E mais de um companheiro se deixou ingenua e inconsistentemente transformar em instrumento dos stalinistas contra os interesses do Partido que estava ajudando a construir.

E' verdade que as condições em que o Partido Socialista nasceu e ensaiou os primeiros passos sobremodo facilitaram a tarefa dos comunistas. A tradição socialista no Brasil era muito tênue e a atividade dos socialistas rara e episódica. No início o anarquismo e mais tarde o comunismo carrearam para as suas fileiras a quasi totalidade dos homens de esquerda do Brasil. Assim como entre os fundadores do Partido Comunista eram abundantes antigos anarquistas, também entre os fundadores do Partido Socialista não podiam faltar antigos comunistas, militantes ou simpatizantes, com ou sem estágio prévio no trotskismo. Os ex-comunistas trouxeram consigo o pânico inconciente do trotskismo e os ex-trotskistas representavam a incarnação deste pânico.

Já é tempo de encarar o problema de frente e sem prejuízos e influências estranhas. O Partido Socialista Brasileiro está elaborando a sua própria ideologia e já é possível caracterizar os socialistas na base de suas convicções próprias e não na de suas divergências com comunistas e liberais burgueses.

Esta mesma ideologia já permite ao Partido Socialista eliminar de seu seio a ingerência de partidos estranhos e de seus preconceitos.

Devemos identificar os trotskistas — se existem no nosso partido — pelas suas posições teóricas caracteristicas e não na base de acusações stalinistas ou levianas. Devemos impedir que os comunistas fomentem divergências e tragam para as nossas discussões temas e conceitos por eles interminavelmente deformados. A luta contra o "trotskismo" como se fez até então no Partido Socialista só servia aos desígnios dos comunistas. E' indispensável tornar claro no Partido Socialista o conceito objetivo de trotskismo, com o qual nada temos de comum, e o conceito stalinista de trotskismo, arma de que se utilizam inclusive para tentar impedir o desenvolvimento do nosso Partido.

A greve nos Estados Unidos

Uma coisa ressalta bem clara dessa gigantesca greve que paralisou toda a industria do carvão e do aço nos Estados Unidos: a combatividade da classe operária e a possibilidade dela alcançar melhoria de condições de vida e trabalho sem que seja necessária a intervenção do Estado.

Essa greve que os mineiros e metalúrgicos norte-americanos deflagraram a fim de obter diretamente dos patrões o pagamento das aposentadorias e pensões, é o fato de maior significação do movimento operário norte-americano dos últimos tempos. Tem maior transcendência que qualquer das greves-monstro que Lewis ordenou para conseguir aumento de salários. Através dela, os mineiros e metalúrgicos americanos querem que a classe capitalista seja a única responsável pelo pagamento das aposentadorias e pensões dos empregados, e — o que é importante — não o Estado. E' uma greve sem precedentes no meio operário de toda a America, porque foge do ambito da greve pró melhor salário ou

condição de trabalho, para entrar, de cheio, no terreno da previdência social, que uma velha teoria fascista e paternalista, pretende entregar unica e exclusivamente ao Estado, protetor de todos os homens de boa vontade.

E' uma greve de profundo significado para todos os militantes sindicais, mormente os socialistas. Ela nos ensina que é possível à classe operária conseguir todos aqueles benefícios e regalias a que faz jus, desde que esteja organizada e tenha consciência do que quer. Ela ensina, também, que somente através da luta diária, sem o medo do que pode acontecer amanhã, pode a classe operária conseguir realmente suas vitórias mais significativas.

Aqueles que pretendem que seja o Estado o regulador de todas as questões surgidas entre patrões e operários; que caiba ao Estado o papel de pai dos pobres, que atentem bem para o exemplo da greve americana!

O. S. F.

F. GIKOVATE

Os tropeços da sucessão presidencial

(Conclusão da 8.a pag.)

ses tenham uma expressão de determinadas tendências das classes dominantes do país, mais ou menos demarcadas. Por outro lado, a existência de caudilhos políticos como Getúlio e Ademar, dispostos de grande influência eleitoral e que tomarão posição guiados unicamente pelo interesse próprio ou de uma "entourage" de sócios e amigos, torna muito difícil qualquer previsão sobre o desenvolvimento dos acontecimentos.

Os dados positivos que podemos apreciar agora são estes: Ademar será candidato, montado em vastíssima campanha demagógica e em métodos de propaganda inspirados na técnica fascista. Getúlio se decidirá à última hora, conforme é do seu feitio e segundo o seu interesse do momento. A sua "entourage" de aventureiros e beneficiários da ditadura talvez o force a ser candidato, pois de outra forma não sobreviverá o getulismo como força política organizada e o P. T. B. será absorvido por outros partidos. Mas o ex-ditador não quer ficar mal com as classes dominantes do país e sabe muito bem que estas não o querem de volta ao poder, no momento. Considerando isto, talvez prefira ele jogar com seu prestígio apoiando o candidato de um dos partidos burgueses que tiver maior possibilidade de vitória, afim de conservar, na "nova situação" que se estabelecer após a eleição, o alentado prestígio do "homem que decidiu a eleição". O P. S. D. e a U. D. N. terão, provavelmente, candidatos próprios, o primeiro tentando obter o apoio de Getúlio, através da entrega da vice-presidência a um homem de imediata confiança do ex-ditador, e a U. D. N., juntamente com o P. R., também se esforçando por ganhar as simpatias de Getúlio. Na hipótese de este se decidir por um acordo com Ademar, o que será muito difícil, pois caudilhos de tipo fascista como são eles sempre querem o poder todo para si e sempre se temem uns aos outros, nessa hipótese será restabelecido, certamente, o "acordo" partidário, com um candidato "neutro", muito provavelmente um militar, para amedrontar e coibir os caudilhos aventureiros. O "acordo" partidário também será restabelecido, possivelmente, se Getúlio resolver candidatar-se, pois nenhum dos partidos representativos da burguesia se sente com forças para enfrentar, sozinho, as massas eleitorais de Getúlio ou de Ademar. Ou então, surgirá a hipótese do "golpe salvador" e para isto os generais reacionários, os comunistas e integralistas trabalham ativamente. Os comunistas, na verdade, desejam que o problema da sucessão tenha seu desfecho num golpe que leve o país nova-

mente à ditadura declarada. Levados à ilegalidade, pelo medo estúpido da burguesia conservadora brasileira, os comunistas nada esperam de um regime como o atual. E, se o país fosse levado novamente à ditadura, eles forçosamente teriam vantagens, pois ganhariam aliados e, ao mesmo tempo, pela sua capacidade organizatória conquistariam posição de liderança na resistência à ditadura que fosse instalada.

Nessa situação, as perspectivas não são muito boas para a democracia, no Brasil. Da própria U. D. N. que, tendo certa expressão representativa do liberalismo burguês, poderia e deveria manter um movimento de forças democráticas, não é possível esperar coerência e firmeza. Pela sua estrutura burguesa, a U. D. N. nunca deixará de manter portas abertas para um "acordo" com o P. S. D., que possibilite, em caso de perigo, a formação de uma frente-única de forças políticas da burguesia. Também não deixará de manter uma atitude conciliatória em relação a Getúlio, enquanto este não se decidir definitivamente, o que, evidentemente, prejudicará em muito o desmascaramento do caudilhismo getulista, que continua sendo um fermento de fascismo e fator de rebaixamento político do proletariado brasileiro. E, no fundo ainda, paira a sombra sinistra de um possível golpe com que sempre se pode contar

em nosso muito incipiente e precário regime democrático, que ainda não criou raízes na educação política das massas populares.

A. Costa Corrêa

Mais de 2.000 trabalhadores presos na Venezuela

Informações clandestinas recebidas de Caracas revelam que as prisões ordenadas pelo regime militar da Venezuela aumentaram consideravelmente, encontrando-se detidos quase todo o último ministério do Presidente Rómulo Gallegos, assim como os presidentes do Senado, da Câmara dos Deputados, Parlamentares, altos funcionários da administração, líderes estudantis e políticos, dirigentes operários, empregados, professores, camponeses. Entre esses presos, cumpre destacar os seguintes deputados operários: Ramón Quijada, José Gonzales Navarro, Humberto Hernández, Acides Rondón, José G. Gutiérrez e Juan de la Cruz; dirigentes da Confederação dos Trabalhadores da Venezuela e Federações filiadas, como Bernardo Pérez Salinas, presidente da C. T. V. e Senador por Caracas. Além desses, podem ser contados muitos outros nomes.

Soube-se também que numerosos estudantes foram massacrados e centenas deles detidos, não se tendo para com eles a menor consideração.

Calcula-se em número superior a dez mil, o número de prisioneiros nos cárceres construídos pelos ditadores venezuelanos.

(Do Informativo Obrero Interamericano)

O bom socialista respeita e admira os correligionários que, por suas condições excepcionais, se distinguem na defesa dos interesses da classe operária; mas não se submete a nenhuma chefia nem aliena sua opinião: examina, analisa os problemas e resolve com absoluta independência de critério.

"ADEMAR E O ESTADO MODERNO"

(Conclusão da 8.a pag.)

seus objetivos. Elas não representam novidade alguma. São a repetição daquilo que o sr. Francisco Campos pregava, ao tempo em que era o mentor do Estado Novo. Até as palavras são quase que as mesmas, quando, por exemplo, diz que a função de governar e legislar, no Estado moderno, é altamente técnica e, portanto "não pode ficar sujeita à escolha do povo, através de eleição". E o sr. Francisco Campos, por sua vez, já não fôra original nas suas formulações, pois se inspirará em "idéias" idênticas colhidas nos escritos de Mussolini...

Mas como aventureiro de tipo fascista, o sr. Ademar cometeu a tolice de se revelar muito cedo, pois

ainda há muitos cidadãos ingênuos e bem intencionados que acreditam nos pendores democráticos do governador e nas suas possibilidades de liderar uma "democracia progressista". E, como não convém à burguesia brasileira, no momento, um caudilho fascista no poder, pois um homem desse tipo, por demagogia ou por qualquer outro motivo pode às vezes cortar na carne do interesse capitalista, como faz Perón na Argentina, as "idéias" do governador tinham de provocar forte reação.

Eis a história do barulho causado pelo folheto "Ademar e o Estado Moderno"!

ANTONIO

O apoio dos socialistas...

(Conclusão da 1.a pag.)

pulares que PRESTES MAIA promete cumprir. As próximas eleições serão um acontecimento decisivo para o povo brasileiro e, portanto, é preciso que este se prepare, desde já, escolhendo candidatos dignos, identificados com o interesse popular, capazes e trabalhadores, que já tenham provado essas qualidades na prática. Embora a solução dos problemas populares dependa essencialmente do novo parlamento e do novo presidente da República que forem eleitos, não se poderá deixar de considerar a grande importância da eleição de um governador do Estado de São Paulo que é a principal força econômica e política do país. É a eleição de Prestes Maia, nas condições atuais é a única solução imediata possível, se o povo de São Paulo quiser construir, pelo esforço próprio, os instrumentos de sua liber-

tação econômica e política. — Recomendando a candidatura Prestes Maia, o PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO concita o povo de São Paulo a lutar pela preservação e ampliação das conquistas democráticas, contra os reacionários, aventureiros políticos e negociatas de todos os matizes, que atualmente predominam nos cargos de governo, nos órgãos legislativos, nas Comissões de Preço e outros organismos oficiais.

— Contra as leis de exceção, especialmente a lei de Segurança, que ameaça as conquistas democráticas do povo;

— Pela liberdade e autonomia dos sindicatos operários e pelo direito de greve!

— Por medidas energéticas e imediatas para deter a alta do custo da vida.

(A Comissão Executiva Estadual do Partido Socialista Brasileiro — São Paulo, Novembro de 1949.)

INDICADOR PROFISSIONAL

ADVOGADOS

WILSON RAHAL

ESCRITORIO:

Praça Antonio Prado, 9 - 11.º andar Salas, 1107/9 - Fone: 3-4656

RESIDENCIA:

Rua Guarará, 230 - SÃO PAULO

DR. JULIO DE ARAUJO FRANCO FILHO

RUA XAVIER DE TOLEDO, 46 2.º ANDAR

Renato Sampaio Coelho

Rua José Bonifácio, 209 11.º andar - Salas 1.104-6-8-10 Tel.: 6-3013

ADELMAR V. BRANDÃO ANTONIO COSTA CORREA

RUA FRADIQUE COUTINHO, 303 R. CONS. CRISPINIANO, 79 5.º Andar - Tel. 6-3013

HIRAM MÁYR CERQUEIRA

Tel.: 3-5502 R. Sen. Paulo Egídio, 61 - 3.º SÃO PAULO

Drs. Hozair Motta Marcondes e Carlos Nobrega Duarte

Rua Benjamin Constant, 138 3.º Andar - Tel 2-6652

FREITAS NOBRE

ADVOGADO

Rua José Bonifácio, 233 - 3.º And. Tel.: 2-0168

HOSPITAL 9 DE JULHO

Rua Peixoto Gomide, 647

Fone - 6-6565

CIRURGIA GERAL ABERTA A TODOS OS MÉDICOS

MÉDICOS

DR. FEBUS GIKOVATE

Xavier de Toledo, 46 - 3.º CLINICA DO APARELHO RESPIRATORIO RAIOS X

DR. EMILIANO NOBREGA

CLINICA MÉDICA Rua da Estação, 13 TREMÊMBÉ DA CANTAREIRA

DENTISTAS

DR. OSVALDO ANTÃO FERNANDES, C. D.

Clinica geral - Infecções dentárias - Cirurgia - Raios X - Dentaduras (com curso Post. Graduado) Rua Barão do Itapetininga, 139 - 3.º and. Ap. 2 - Tel.: 4-0027 SÃO PAULO

GIARDINO & CINOPOLI

— ALFAIATES —

Serviços Finos

RUA JOSÉ BONIFACIO, 387 - SALA 3.

TRIBUNA DE DISCUSSÃO SOCIALISTA

A CONVENÇÃO ESTADUAL DE PERNAMBUCO

Os nossos companheiros de Pernambuco realizaram a 24 e 25 de outubro a sua 3.ª Convenção Estadual e tiveram a boa ideia de publicar um folheto impresso, de 20 páginas, contendo as teses da Comissão Executiva e mais algumas outras. Deste modo, podemos participar do movimento de ideias e realizações desses companheiros, cujo exemplo deveria ser imitado pelas demais Comissões Estaduais.

Foram cinco as teses apresentadas pela Comissão Executiva e aprovadas pela Convenção: 1 — A situação política internacional e a posição dos socialistas; 2 — A situação nacional e a posição dos socialistas; 3 — Os problemas sociais do país e a posição dos socialistas; 4 — A situação política estadual e a posição dos socialistas; 5 — Os problemas sociais de Pernambuco e a posição dos socialistas.

As teses revelam coordenação de pontos de vista e trazem mais de uma contribuição importante para a linha política do PSB, tanto no campo internacional quanto nacional. O mesmo se pode dizer das teses dos companheiros Glauco Píneiro e Antonio Franca, respectivamente sobre as relações do Brasil com a URSS e com os Estados Unidos.

Na tese internacional, assinalam os companheiros de Pernambuco a desnecessidade do PSB optar por um dos dois blocos rivais, "repelindo a tese injustificada da igualdade de interesses com quaisquer dos grandes potências no conflito entre os Estados capitalistas e a União Soviética, a China Vermelha e os países das chamadas democracias populares, replicando ao conflito de potências com a frente democrática dos povos". A ideia de uma frente democrática percorre todas as teses pernambucanas, decorendo, no campo internacional, da verificação de que "não se apresenta o mundo repartido entre duas hegemonias nacionais, porém assinala profundo antagonismo de classes"; no campo nacional, da evidência de que as forças reacionárias, aliadas ao militarismo e ao clericalismo, caminham sem parar para a liquidação das liberdades democráticas, em benefício de um regime de opressão de classe, à sombra de interesses econômicos escusos. A frente democrática se identifica, deste modo, com a própria razão de ser do PSB, de vez que as demais forças políticas representam a reação ou se encontram transviadas pelo caudilhismo extremista. No campo nacional, deixam claro os companheiros de Pernambuco que a frente democrática deve formar-se com os elementos progressistas e sinceramente democráticos de todos os partidos, salvo o integralista, vulgo de Representação Popular; por outro lado, rejeitam inteiramente a solução prestística como inoportuna, demagógica e agravadora da situação.

No campo internacional não se depreciam os lineamentos possíveis da referida Frente, visto que os companheiros de Pernambuco se referem, de modo bastante geral, a forças populares ou antagonistas de classe. Neste setor, porém, afirmam um conceito que me parece da maior importância e merecedor de ampla discussão: "O PSB, pela condição natural das camadas cujos interesses encarna ou pretende encarnar não se julga modelado ou apresentado com os partidos socialistas ou trabalhistas dos grandes países capitalistas. O PSB admite traduzir a tendência que Tobias Barreto indicou no passado, como significando o surgimento do "partido do povo", isto é, um terceiro partido pretendendo exprimir os interesses das camadas da classe média "progressista e do proletariado não secularizado, etc."

Seria de desejar que os companheiros de Pernambuco esclarecessem um pouco mais o conteúdo da sua afirmação, indicando por exemplo como compreendem os seus afinidades ou antagonismos com os partidos socialistas dos pequenos países capitalistas e das democracias populares. E, ainda, como encaram a nossa articulação, ao menos ideológica, com o movimento internacional. Pelo dito, porém, fica patente que rejeitam sobretudo assimilações com o Partido Trabalhista Inglês e o Partido Socialista Francês, SFIO. Creio que os companheiros têm razão na medida em que assinalam as condições especialíssimas do primeiro e o desvirtuamento crescente do segundo. O Partido inglês representa um progresso em relação aos governos conservadores e liberais, e não há dúvida que tem despendido um esforço notável para conciliar não apenas a salvaguarda da liberdade com a socialização da economia — o objetivo do socialismo democrático — mas, também, com os interesses coloniais e imperialista da Inglaterra... Malabarismo mais difícil que o russo, pois que este suprimiu de início o primeiro termo do problema. Se, portanto, sob vários e decisivos aspectos, o trabalhismo britânico representa uma experiência a que devemos estar atentos e simpáticos, não creio, com os companheiros de Pernambuco, que pertençamos à mesma linha. A nossa tarefa é lutar pela democracia num país cheio de vestígios coloniais, a fim de garantir a implantação progressiva da socialização dos meios de produção.

O Partido francês atravessa uma

crise de decadência (quem sabe simétrica à nossa, de crescimento, na qual tem se revelado, cada vez mais, incapaz de atender à aspiração não apenas do proletariado, mas ainda de uma pequena burguesia socialista. E', pois, um parente perigoso, cujo exemplo não nos convém.

Por outro lado, os companheiros de Pernambuco distinguem mais de uma vez, de modo claro e enérgico, as nossas incompatibilidades com o PCB; e nesta ordem de considerações têm uma afirmação corajosa pelo seu realismo e a sua superação da demagogia: "O PSB distingue-se do Partido Comunista ou de outros partidos "proletários" ou "operários", ao encarnar, como lhe cumpre, as aspirações do povo conjugadas em suas camadas: — a classe média de tendências esquerdistas, que deu conteúdo progressista à campanha de 45 (donde a origem do Partido como Esquerda Democrática) — a classe média, repetimos, compreensiva aos direitos e justos anseios da classe operária, porém ajustados e em função do interesse nacional de libertação do país do cerco imperialista; justos anseios e ideais corporificados no programa do PSB, pela emancipação econômica e política das camadas populares sob os fundamentos de uma socialização progressiva, sem prejuízo das liberdades individuais".

Além deste esforço corajoso de situar em termos brasileiros o nosso partido — mais atentos às perspectivas históricas do país do que à preocupação de afinidades exteriores — os companheiros de Pernambuco se distinguiram neste documento por uma posição equilibrada e

realista em face das nossas relações com a Rússia e os Estados Unidos. A tese do companheiro Glauco Píneiro, que aborda o primeiro aspecto, salienta a conveniência de reatamento das relações diplomáticas com Moscou invocando motivos de ordem econômica, quais sejam as possibilidades comerciais de exportação de produtos tropicais, que nos permitiria aumentar consideravelmente as cambiais no exterior. Pode-se opor a esta tese a própria política financeira da URSS, ovesa por princípio aos pagamentos em dinheiro e preocupada sobretudo com a constituição de reservas monetárias nos países importadores dos seus produtos. Não obstante, a tese permanece válida pela própria facilidade diplomática de que se revestiu o rompimento das nossas relações com os Soviéticos.

O companheiro Franca, num trabalho bem fundamentado e lúcido, ressalta a necessidade de incremento do nosso intercâmbio cultural com os EE. UU. e de racionalizar, sem temores vãos, as relações comerciais e econômicas de modo geral, do que necessitam para a consecução dos nossos programas de construção nacional. Superando a tendência — de que me confesso participante — duma restrição sistemática ao capitalismo americano, o companheiro Franca coloca em bons termos o problema, do ponto de vista socialista e com espírito histórico digno de nota. A lição a ser tirada das teses desses dois companheiros está no fato de que, em vez de permanecerem na posição simplesmente negativa, ou quando menos omissa, com que os nossos documentos têm

tratado as relações práticas do Brasil com as duas grandes potências inimigas, eles entram resolutamente no aspecto positivo da questão, completando a crítica pela sugestão construtiva.

Sem abordar o detalhe das teses referentes aos problemas de Pernambuco — que parecem justamente colocados e debatidos pelos nossos companheiros — quero ressaltar, finalizando, a vigorosa declaração contra a rearticulação do integralismo, reforçando a repulsa que o nosso partido tem manifestado, pela sua Comissão Nacional e pelas Comissões Estaduais. Notemos somente que os companheiros do Nordeste e do Norte (não apenas os de Pernambuco, que fazem êica à tendência) parecem simplificar demasiado o problema ao falarem nas ligações dos descendentes de italianos e alemães com os movimentos fascistas. A verdade — nós do sul pedimos dizê-lo com conhecimento mais direto de causa — é que em São Paulo e Minas, por exemplo, o integralismo foi e com certeza é um movimento em que os italo e teuto-brasileiros não se encontram em proporções maiores que os brasileiros mais antigos. Nos três estados sulinos, a coincidência do nazismo com o integralismo levou efetivamente os descendentes de alemães a uma simpatia pronunciada por este movimento. Rompida porém a ameaça nazista, não se verá a recomposição do fenômeno. Os núcleos do sul eram mais nazistas do que integralistas, e agora se encontram oportunisticamente divididos, como os demais, pelos partidos dominantes — PSD, PTB e UDN. O problema existe; mas com menor vulto do que lhe parecem supor os companheiros do Norte.

ANTONIO CANDIDO

OS TRABALHOS EM CURSO NO GRUPO DO IPIRANGA

Durante nossa militância nas fileiras do P. S. B., temos observado que o maior problema com que lutamos presentemente é o da falta de comparecimento dos membros às reuniões de grupos de base, chegando mesmo a não comparecerem os próprios membros das direções.

Dêsse, decorrem quasi todos os demais problemas e impecilhos que entravam nossa marcha, tais como o não entendimento mútuo, a desorganização, os atrasos de toda espécie.

Tem-se procurado sanar o mal de várias formas, sem que se obtenha um resultado satisfatório.

Diante disso, foi apresentado por um dos companheiros militantes do grupo do Ipiranga, um projeto visando a reestruturação do grupo e de suas atividades. Tal projeto consiste em mantermos contacto estrito e regular com os membros do grupo, por meio de cartas, circulares, jornais, questionários, etc. Tem-se procurado a mesma meta, porém de forma errônea, pois, egoisticamente, deliberava-se o que parecia conve-

niente a uns, sem se consultar a outros membros, muitos dos quais operários, que não dispõem do tempo necessário para se dedicarem à vida partidária.

O plano de reestruturação que agora apresentamos, de um modo geral consiste no que dissemos acima, isto é, manter contacto continuado com os companheiros militantes, pois achamos que pertencem a um partido não é só fazer constar seu nome nas listas de militantes, e sim acompanhar a vida partidária o mais possível. O que pretendemos é exatamente isso; trazer os membros deslocados para o seio do partido.

Os resultados dêsse plano só serão apreciados depois de algum tempo de sua aplicação, pois trata-se da assimilação paulatina e gradativa de todos os membros inscritos no P. S. B. do município. Nós do Grupo do Ipiranga, podemos afirmar que êsses primeiros passos já foram dados e que os resultados já se mostram à vista. Consiste o princípio da ideia em uma carta (no-tem que dizemos carta e

não circular) em que consultamos, de uma maneira pessoal, e o mais possível persuasiva, os membros do grupo, quanto às suas possibilidades de comparecimento, de dedicação ao partido, etc. Anexo à carta segue um questionário com todo o material para a resposta. Essa resposta será estudada e considerada individualmente e novamente respondida. A essa altura o companheiro consultado já terá comparecido às reuniões, pensamos. Uma vez em contacto direto com êsse companheiro tudo faremos no sentido de reintegrá-lo ao grupo a que pertence.

Esse trabalho de reintegração será feito por meio de palestras, conferências, comícios onde falarão operários pertencentes ao grupo, secções de consultas jurídicas sobre questões trabalhistas e até se possível concertos de discos.

Pela distribuição gratuita desta "Folha", pretendemos aumentar a sua circulação e ao mesmo tempo fazer de cada operário leitor um repórter apto à nos prestar informações sobre movimentos operários, pequenas ques-

tões nos estabelecimentos fabris, etc.

Ao concebermos êsse trabalho, estamos perfeitamente conscientes de que tal tarefa não surtirá efeito imediato. Seus resultados serão apreciados à medida em que se manifestarem os componentes do grupo. No entretanto, esperamos que até meados do próximo ano nosso grupo esteja em franco progresso com seus cinquenta membros em plena atividade partidária.

Divulgaremos as bases de estruturação assim que obtenhamos êsses dados básicos e imprescindíveis. Outrossim, o companheiro que tiver interesse em conhecê-lo poderá nos consultar que tudo faremos para bem orientá-los.

Para tudo o que nos propuzemos nas linhas acima, precisamos da ajuda dos médicos, dentistas, advogados e também de estudantes inscritos no P. S. B. Esperamos que êsse auxílio não nos falte.

A medida do possível voltaremos a esta "Folha" para maiores detalhes.

ALAOR DALLA DÉA
Grupo do Ipiranga.

Integra das Resoluções aprovadas pela Convenção Nacional do P. S. B.

A SITUAÇÃO NACIONAL

(Conclusão da 1.ª pag.)

ventores nomeados pelo Ministro do Trabalho, violências que o Poder Executivo tem levado a cabo com a complacência do Congresso e a cumplicidade do Supremo Tribunal, cujos erros e desmandos, ao contrário do que ocorre nos Estados Unidos, ninguém no Brasil ousa criticar.

Ao governo não temos aberto nem abriremos nenhum crédito de confiança. Somos e queremos ser, em face do atual governo, um partido de oposição, no legítimo sentido da palavra — sem demagogias e stéreis, atribuindo-lhes intenções que ele não tem ou incriminando-o de infrações que não cometeu; e sem complacências oportunistas, emudecendo ante os seus erros ou não clamando contra as suas violências. Nosso dever não é combater nem defender o Governo. E' fiscalizá-lo severamente. Sem transações, sem transigências, sem capitulações.

Cumpre-nos defender a todo transe a Constituição, ainda quando dela discorremos e pretendamos pelos meios que ela oferece, reformá-la. Por isso mesmo nosso dever é o da oposição mais resoluta a qualquer lei, ou ato do Governo, que, embora de acordo com o nosso ponto de vista doutrinário, importe de fato, em negá-la, ou emendá-la por mero arbítrio, fora do processo que ela estabelece.

Estamos certos de que sômente a obediência irrestrita à Constituição será capaz de entre nós assegurar a liberdade. Quando, sob qualquer pretexto, por mais justo que a princípio pareça, se transige com um atentado contra a Constituição, a displicência ante o primeiro ato da força, abre o caminho, por onde novos passos se darão até o ponto da abolição da Lei, substituída pelo arbítrio da Ditadura, descoberta na sua violência ou mascarada sob fórmulas legais. A jornada dos ditadores nunca se fez num dia. O golpe final que desfecham exige um longo processo e num ambiente adrede preparado. Tudo está em evitar que o processo tenha início e que se reünam as

condições criadoras do ambiente que permite o seu desfecho.

Em face dos outros partidos, nossa posição é a de permitir, para cargos legislativos e segundo as condições e peculiares a cada Estado ou Município, em caso de conveniência eleitoral, a aliança com qualquer deles, exceto o integralista, rotulado sob nome falso, com o qual não é possível a um socialista aliar-se, sob pena de ser um renegado.

Ao contrário: cumprenos dar-lhe combate decidido em face da rearticulação fascista que se processa a olhos vistos, com a proteção de agentes do Governo e de colônias estrangeiras.

Quanto à sucessão presidencial que se avizinha, a nossa posição foi traçada pelas duas notas da Comissão Nacional, amplamente divulgada em todo o País. Nelas se responde aos representantes do "Acôrd Interpartidário", apresentando-lhes um programa de medidas "político-administrativas" a serem executadas no futuro quinquênio; declarando-lhes que não participamos do receio de que uma intensa campanha eleitoral, com vários candidatos, possa por em risco as instituições democráticas, embora também não seja contrário a Democracia a conciliação dos partidos em torno de um nome. Mas ressaltamos, desde logo, que não basta um candidato aceitar o programa que adotamos para que lhes demos nosso voto. E' essencial que ele tenha idoneidade que assegure o cumprimento de tal programa. Um programa por si mesmo pouco ou nada vale, se não encontra nos seus executores a segurança integral do seu cumprimento.

Por isso mesmo, embora incertos do êxito, poderemos ter candidato próprio, para que, em face dos interesses da política concluídos em torno de um nome impopular e inidôneo se salve ao menos a honra da democracia quando tudo se perder.

CONCLUSÕES

Quanto à política nacional decidiu o Partido Socialista o seguinte: a) para preenchimento dos cargos legislativos, o Partido Socialista concorrerá com candidatos próprios, sendo desaconselhadas as alianças com os demais partidos, a não ser em condições especialíssimas, a juízo dos órgãos competentes do Partido; b) para os cargos do poder executivo federal, estadual ou municipal, indicará seus próprios candidatos quando houver possibilidade de êxito. Indicá-los-á ainda quando, mesmo não havendo possibilidade de êxito, entre os candidatos apresentados pelos partidos ou pelas alianças partidárias, não lhe pareça haja nomes de formação democrática e de notória idoneidade; c) a aliança só se fará no sentido de apoiar a candidatura de um candidato ao poder executivo que adote um programa democrático objetivando reivindicações populares.

O bom socialista é respeitoso e tolerante para com o critério alheio, e evita os explosões que podem antipatizar a ele e ao Partido a que está filiado.

O bom socialista não se envoidece com os cargos que ocupa, por mais elevados que sejam, nem despreza o companheiro modesto; pelo contrário, aprecia-o e o respeita.

Os comunistas e a IV Convenção do P. S. B.

O jornal comunista preocupou-se muito com a convenção nacional do Partido Socialista. Bom sinal. Desprezando a sua velha atitude de simulado desdém em face do movimento socialista, os comunistas mandaram espionar a grande reunião. Enquanto jornalistas outros assistiram como tais à Convenção, os da folha comunista infiltraram-se lá como espíões, disfarçados em simples curiosos, sem se apresentarem a ninguém, (e seriam bem recebidos, como quaisquer outros) sem se deixarem reconhecer, decerto para não ficarem identificados como autores das deturpações do que se passou, das provocações, das mentirinhas, das intriguinhas que tentaram nas suas "reportagens".

"Hay motivo", como diria, ao chegar de Buenos Aires, o "querido diretor" da folha. A Convenção socialista, com cerca de cem delegados de quinze seções estaduais, demonstrou o crescimento do partido em todo o País, um grande desenvolvimento do espírito de militância na massa socialista, uma crescente tomada de consciência do momento nacional da parte dos combatentes do socialismo democrático, através duma ampla, libérrima, democrática discussão de todos os problemas nacionais, e especialmente os dos de organizações e de ação política, e com o coroamento da solenidade pública na ABI e as ovações de uma multidão aos discursos magistrais dos líderes socialistas. Tudo isso, todos esses sinais de crescimento do movimento socialista são inquietadores para os arautos da "ditadura do proletariado". "Hay motivo", sim, velho Pedro.

OSORIO BORBA

Conceito de Socialização

A Comissão encarregada de emitir parecer sobre as conclusões apresentadas pelo companheiro Febus Gikoyate, relator designado, para a tese sobre "Conceito de Socialização", depois de apreciá-las, e confrontá-las com as conclusões oferecidas pelo companheiro Nestor Peixoto, adotou a fórmula seguinte:

A socialização dos meios de produção, objetivo fundamental do Partido Socialista Brasileiro, nos termos de seu programa, supõe a transferência desses meios, do domínio capitalista ao domínio da sociedade organizada democraticamente, descentralizado o poder político, e garantido o predomínio dos órgãos legislativos. Só assim, deixará de ser opressiva do trabalhador e do indivíduo em geral. Supõe, além disto, a organização democrática da produção, reduzida ao mínimo a centralização de seus órgãos de direção, coordenação e controle, no plano de organização nacional, e entregues esses órgãos aos próprios trabalhadores.

— 1 —

A economia socialista exige, portanto, uma planificação. Nesta planificação o cooperativismo terá função importante. A ele deverão

submeter-se a pequena produção industrial e agrária e a distribuição dos produtos de uso pessoal.

— 2 —

A socialização será progressiva. Começará pelas ramagens básicas da indústria, e seu processo dependerá das condições objetivas da sociedade, de modo que se evitem transformações bruscas e violentas e se mantenha e eleve gradativamente o nível de vida das populações trabalhadoras das cidades e dos campos.

— 3 —

A socialização não implica a supressão integral da propriedade privada, a qual será mantida nos limites em que for útil ao indivíduo, sem ser prejudicial à sociedade; quer dizer: desde que não se preste à exploração do homem pelo homem, nem torne possível o restabelecimento de um regime de classes.

— 4 —

O processo de socialização limitar-se-á rigorosamente à esfera econômica, inclusive a produção de bens de uso, preservada a liberdade do indivíduo no domínio político e cultural.

A Situação Internacional

A posição do Partido Socialista Brasileiro na política internacional e, consi-

derando especialmente a "guerra fria" entre Estados Unidos e Rússia, deve orientar-se nos seguintes rumos: 1) trabalhar pela paz, lutando pelo desenvolvimento das Nações Unidas; 2.º) condenar a política agressiva ou de expansionismo de segurança dos dois blocos rivais; 3.º) apoiar todos os passos e medidas que visem a estabelecer o intercâmbio comercial e a troca de informações entre Ocidente e Oriente; 4.º) apoiar os planos de recuperação econômica e financeira entre as nações, compatíveis com a independência política das mesmas; 5.º) não favorecer os intuídos da contra-revolução burguesa, mas lutar pelo socialismo com espírito socialista e democrático; 6.º) combater a corrida armamentista; 7.º) defender a independência dos povos.

JUSTIÇA DO TRABALHO

Porque me fiz Socialista

Nesta secção, que está a cargo de companheiros advogados, serão respondidas quaisquer consultas sobre direitos dos trabalhadores e lei trabalhistas em geral. Qualquer trabalhador interessado poderá dirigir-se diretamente à redação desta "Folha" e à sede do Partido, à Praça da Sé, 237.

A NOVA LEI SOBRE FÉRIAS

Entrou em vigor, no mês de outubro, a recente lei que modificou vários artigos da Consolidação das Leis do Trabalho, na parte referente às férias. Por essa modificação, todo empregado terá direito a vinte dias de férias, desde que não dê mais de seis faltas, no decurso do ano, com ou sem justificativa. O empregado cujo período de férias se vencer após a entrada da lei em vigor, terá direito aos vinte dias de férias, se não tiver mais de seis faltas ao serviço. Neste caso aplica-se a nova lei, sem dúvida alguma. O empregado que já tiver o seu período de férias vencido mas ainda não gozado, poderá pleitear os vinte dias, em lugar de quinze dias a que teria direito, segundo a Consolidação das Leis do Trabalho, antes da modificação. Mas o seu direito, aí, não é certo. Há quem sustente que o empregado tem direito aos vinte dias e há quem sustente que só tem direito aos quinze dias. Mas logo haverá decisões da Justiça do Trabalho sobre o assunto e a questão ficará esclarecida.

A nova lei sobre férias foi recebida, em geral, com agrado, pelos trabalhadores, pois grande é o número dos empregados que não faltam seis dias ao trabalho, no decurso de um ano. E, cinco dias a mais, de férias, sempre representam alguma coisa, embora o direito a férias, no Brasil seja uma pura ficção, desde que o trabalhador não tem meios de gozar essas quinze dias, pela falta de recursos.

Mas, na verdade, a lei não foi aprovada pelo Congresso e sancionada pelo general Dutra tendo em vista o interesse dos trabalhadores, muito embora tenha essa aparência.

A burguesia brasileira, em geral, anda apertada com o problema da produção. O nível económico da massa trabalhadora, no Brasil, é dos mais baixos, e, portanto, o rendimento da mão de obra é também baixo. O trabalhador submetido a um regime de exploração desumano, não produz e não se sente estimulado a produzir tanto como sob um regime de exploração atenuada ou disfarçada. O nível técnico da massa trabalhadora, no Brasil, também é baixo, como consequência do próprio atraso social do nosso país. Daí a aflição dos capitalistas nacionais, apertados pela concorrência externa. Daí as campanhas do "aumentemos a produção" e as medidas legislativas e judiciais que visam, no campo trabalhista, incrementar a produção, aumentar a produtividade da mão de obra.

Tivemos, recentemente, a lei do descanso semanal remunerado, pela qual o empregado só tem direito à remuneração dos dias de folga quando não falta ao serviço. Temos, agora, a nova lei modificando o regime de férias, visando estimular os empregados em geral a não faltarem ao trabalho, mesmo por motivo de doença ou qualquer outro que pudesse ser justificado. A Justiça do Trabalho também vem colaborando nessa "obra de estímulo à produção" há muito tempo. De dois ou três anos para cá todas as sentenças da Justiça do Trabalho concedendo aumentos de salários, em processos de dissídios coletivos, trazem a "cláusula de frequência total"; quer dizer, o empregado só tem direito ao aumento decretado no dissídio se tiver 100% de frequência ao serviço. Daqui a pouco teremos, talvez, a lei de participação dos empregados nos lucros das empresas que será, também, mais um elemento lançado pela classe capitalista brasileira na sua "campanha da produção", condicionando-se a participação do empregado no lucro da empresa à frequência total ao serviço.

Como se vê, pequenas concessões de superfície, como a nova lei sobre férias ou a lei do descanso semanal remunerado não representam, na realidade, conquistas da classe

operária. Elas são ditadas mais no interesse das classes dominantes do que no interesse dos trabalhadores. As classes dominantes, através de um Congresso e de um governo que representam fielmente seus interesses, ao fazerem tais concessões de superfície, visam um duplo objetivo: ao mesmo tempo que procuram uma solução para os seus próprios problemas, o problema da produção, do rendimento da mão de obra) conseguem engodar a massa trabalhadora, desviando-a do seu interesse fundamental, que é a conquista dos instrumentos de combate contra a exploração capitalista — sindicatos livres e autónomos e direito de greve.

Nestas questões que representam conquistas fundamentais para os trabalhadores — sindicatos livres e autónomos e direitos de greve — as classes dominantes resistem por todos os meios possíveis. Vejase, por exemplo a resistência que se observa no Congresso, para a votação da lei sindical, que libertará os sindicatos operários do regime de intervenção do Ministério do Trabalho em que se encontram, e para votar a regulamentação do direito de greve estabelecido na Constituição. Vejase, também, a disposição com que a Justiça do Trabalho e mesmo a Justiça comum aplicam a legislação da ditadura que pune a greve como crime, quando essa legislação é francamente inconstitucional.

Em síntese: os trabalhadores devem receber a nova lei de férias, que agora entra em vigor sem ilusões ou esperanças de que estejamos diante de um presente de um Congresso "bonzinho". Essa magra concessão não deverá desviar as atenções dos trabalhadores dos seus objetivos imediatos essenciais, no momento, que são a libertação dos sindicatos operários do controle ministerial e a conquista do direito de greve. Somente conseguindo esses objetivos é que os trabalhadores poderão ter nas mãos instrumentos eficientes de combate contra a exploração capitalista, isto é, a luta por bons salários e melhores condições de trabalho.

ADVOGADO

1929 foi o marco dos meus estudos na ordem económica. A grande crise que abalou os alicerces da Wall Street e da City, com fortes repercussões no mundo inteiro, era sem dúvida, uma das maiores provas das contradições existentes no sistema capitalista, já então com visíveis sinais de decrepitude para as tarefas imensas que assobreravam a humanidade. Para uma produção em crescendo, um consumo em minguando. Uma classe desfrutando vida de luxo e prazer, uma segunda vivendo das sobras da primeira, e a terceira, a classe proletária, afogada na miséria dos salários insuficientes, sub-alimentada, endêmica, sem casa, sem pão, sem as condições elementares à vida humana. Enquanto as classes proletárias se estiolavam nesse estado de angústia, os colares das Nações capitalistas andavam abarrotados de cereais e de utilidades outras, produzidas e não consumidas.

E a Argentina e a Canadá destruíam o seu trigo, Austrália e os Países da Europa Central os seus carneiros, a França os pescados, os Estados Unidos da América do Norte pavimentavam as suas auto-estradas com algodão, o Brasil queimava milhões de sacas de café para salvar o lucro dos capitalistas — essa grande divindade que exigiu em seu holocausto o sacrifício de milhares de crianças, mulheres e homens que povoam o mundo com o espectro de sua miséria. Tudo isso em benefício de uns poucos, daqueles que são os donos dos campos, das fábricas, dos transportes, dos bancos, do sol, da luz, da água, em suma, da própria pessoa humana.

Produzir para depois destruir foi a saída que os capitalistas encontraram para corrigir uma das grandes contradições — produção social e distribuição individual. Todos trabalhando para um só. Necessariamente redundaria em super-produção para eles e sub-consumo para nós. Particularmente, o nosso Brasil era um campo vasto de exploração para aqueles que, como eu, andavam à procura das causas que levaram o mundo a tal situação. Destruindo grande parte de sua produção de café, proibindo instalações de fábricas de tecidos, limitando a produção açucareira e permitindo que forças exógenas nos atrelassem, como colônias, aos interesses de países super-capitalistas, haveríamos de bem sentir em nossa própria carne, os erros que acumularam em um sistema económico, acudido pelos seus próprios contraditórios, e que não encontrava meios para corrigir, mesmo através de suas próprias crises cíclicas. Na era do avião a jato, do rádio, da energia atômica, da produção em série, não encontraríamos justificativos para o aniquilamento pela fome, pelas epidemias e misérias, de massas humanas tão volumosas. Uma Nação como o Brasil, de 45 milhões de ha-

bitantes, tendo uma população marginal de 30 milhões, quasi nada produzindo e muito pouco consumindo, devia ser objeto de um exame sério. E quanto mais me aprofundava nessas conjecturas, sobretudo, em confronto com o que se processava no campo internacional, mais sentia a impossibilidade de uma solução capitalista. O fascismo, o nazismo, o niponismo e o neovaldecran fórmulas que a inteligéncia humana manipulava para defender o sistema capitalista capitalista. A revolução russa era a coqueluche do povo desiludido do mundo atual e esperançoso de um novo. Nessa en-

cruzilhada se achou a minha geração. Amando e vivendo a liberdade de pensar e de se locomover, todavia padecia das maiores restrições no campo económico. Conciliar, pois, a liberdade política com a económica era a chave do problema. O velho Max abriu-me a porta da compreensão e cada dia mais fortaleço a minha convicção de que somente o SOCIALISMO E A LIBERDADE dão sentido de justiça à humanidade.

(Palestra proferida ao microfone da Rádio Clube do Brasil, pelo comp. Orlando Dantas, deputado socialista à Assembléia de Sergipe).

Atividades da CM da Capital

COMÍCIOS

Após sua reestruturação, a Comissão Municipal da Capital vem realizando intenso trabalho de arregimentação que se concentra, por ora, na reestruturação dos grupos já existentes no Partido e fundação de outros onde já existam militantes inscritos.

Assim é que foram fundados dois novos grupos, os de Vila Pompéia e Vila Prudente, e reestruturado o grupo de Guaiunã.

O grupo de Vila Prudente, cuja direção é formada pelos comp. Antonio Nardelli, Dante Nalin e Antonio Egídio, respectivamente presidente, secretário e tesoureiro, todos operários, foi constituído a 27 de outubro último, tendo sua sede provisória à rua Cavour, 1096, na Vila Prudente. Com uma de suas primeiras atividades, marcou um comício que se realizou no dia 12 de novembro, no qual falaram diversos companheiros do Partido.

O Grupo de Vila Pompéia, instalado à rua Venâncio Aires, 159, foi fundado no dia 5 de novembro.

Durante o mês de outubro e primeira quinzena de novembro, foram realizados comícios nos seguintes bairros da Capital:

Largo da Lapa — Lapa; R. Cap. Pacheco Chaves — Vila Prudente; Largo 7 Setembro — Penha; Largo de Pinheiros — Pinheiros; Largo do Cambucy; R. Alfredo Pugó — Santana; Largo Bernardo Guimarães — Vila Anastácio; Largo da Estação — Bairro de São Miguel; R. Maria Candida — Vila Guilherme; Av. Guilherme Cotting — Vila Maria.

Por sua vez, o trabalho de arregimentação visando o ingresso de novos militantes para o Partido tem prosseguido ininterruptamente, sendo que só na reunião de 25 de outubro, foram aprovadas as fichas de inscrição de mais 17 companheiros.

PAZ, SOCIALISMO E LIBERDADE!

(Conclusão da 8.a pag.)

livremente de uma nova forma de cooperação com os povos europeus na base de iguais direitos.

Nossas organizações, unidas na INTERNATIONAL UNION OF SOCIALIST YOUTH (União Internacional da Juventude Socialista - IUSY), lutam por um novo mundo de justiça e liberdade.

UNIR A JUVENTUDE INTERNACIONAL

Prometemos intensificar nossa cooperação prática e, então, em um trabalho comum, edificar uma sólida comunidade para o combate do socialismo democrático.

O isolamento não é mais possível e somente facilitaria as maquinacões das forças reacionárias e anti-democráticas.

Jovens de todo o mundo: façam sua escolha e lutem ao nosso lado por seu próprio futuro em um mundo melhor.

(Resolução adotada pelo congresso da IUSY, em agosto de 1948. Extraído do International Bulletin - maio 1949).



BALANCETE DE FOLHA SOCIALISTA EM 31-10-49

RECEITA	
Saldo em 30/9/49	989,80
Contribuições	6.000,00
Capital (venda avulsa)	1.000,00
Santos, idem	300,00
Porteleza, idem	245,00
Santos, assinaturas	100,00
Capital, idem	60,00
Anúncios	880,00
TOTAL	9.574,80
DESPESA	
Tipografia (n.º 35 e 36)	7.000,00
Remessa (n.º 36 e 37)	400,00
Ordenados	920,00
Expediente	188,20
TOTAL	8.508,20
SALDO EM 31/10/49	1.066,60

A JUVENTUDE SOCIALISTA LUTA POR

PAZ, SOCIALISMO E LIBERDADE

Nós, jovens socialistas de todo o mundo, reunidos em Louvain, Bélgica, para estabelecer uma nova fase em nosso trabalho, saudamos os jovens trabalhadores de todos os continentes, os jovens socialistas das fazendas e lojas, universidades e oficinas, que lutam por seus ideais. Apelamos urgentemente a todos os jovens, homens e mulheres, para que tomem consciência de sua própria responsabilidade no futuro do mundo, que é, também, o seu futuro. Saudamos a juventude espanhola, que ainda está combatendo Franco na guerra subterrânea; nossos cama-

radas socialistas de Israel, lutando contra o imperialismo e as forças feudais, a fim de preservar sua liberdade e independência; saudamos a juventude da Europa Oriental, vivendo no terror das "democracias populares"; a juventude da China e da Grécia, que desejam paz e democracia, na luta entre dois extremos, lutando por liberdade e uma nova ordem social; a juventude da Alemanha, lutando para sair do caos do desespero.

NÃO HÁ PAZ SEM SOCIALISMO

Agora, quando novamente dois Grandes Poderes estão se opondo de ar-

mas na mão, e uma nova Guerra Mundial obscurece nossa vida, o movimento socialista democrático luta e deve lutar mais do que nunca pelo estabelecimento de seu caminho próprio, o qual, sozinho, conduzirá o mundo para um melhor futuro, salvando-o do caos presente.

Nossa luta é no sentido de defender e levar à vitória aqueles princípios do Socialismo, baseados nos ideais de liberdade e democracia integral, que encontram seu caminho no respeito à personalidade humana e somente podem ser assegurados em um sistema econômico socialista.

O movimento socialista é a força que apresenta a solução ao dilema da escolha entre a exploração capitalista e o terror comunista, a escolha para a guerra.

UMA EUROPA SOCIALISTA E UNIDA

A primeira tarefa do movimento socialista de hoje é liderar a luta por uma Europa livre e unida num mundo unido.

Menos do que nunca pode nosso socialismo ser realizado em uma base nacional; assim, procuramos uma cooperação política imediata na Europa, baseada na cooperação econômica e cultural, e deci-

tando abaixo com os velhos ideais de soberania nacional.

LIBERTAÇÃO DOS PAÍSES COLONIAIS

Seremos os líderes de uma completa abolição do sistema colonial e da exploração capitalista dos países coloniais. Como socialistas, devemos fazer como nosso objetivo a entrega a esses povos da possibilidade de participarem

(Continúa na 7.a pag.)



OS TROPEÇOS DA SUCESSÃO PRESIDENCIAL

O chamado "acôrdo partidário" rompeu-se de vez, afinal, resultado que já era previsto há muito tempo. E já vai tarde. As intermináveis conferências dos "três grandes" não passaram de um espetáculo de mediocridade, de exibição do baixo nível ideológico em que se situa a política burguesa no Brasil, presentemente. Delas só tiraram proveito os aventureiros e caudilhos fascistas — Getúlio e Ademar — que os timoratos e medíocres chefes da política burguesa quiseram enfrentar através do "acôrdo".

Agora se delinca um reagrupamento de forças políticas representativas da burguesia, sob novas formas. O P. S. D., como partido representativo de setores mais conservadores da burguesia, corre para Getúlio, à espera de que este lhe dê, de presente, os milhares de eleitores inconcientes que o ex-ditador tem nos bolsos. Ao mesmo tempo, ascena para Ademar, com gestos amistosos, insinuando a hipótese de uma "formula" que possa contentar o ultra-ambicioso governador de São Paulo, A. U. D. N., representando os latifundiários do norte e setores mais liberais da burguesia do sul, convencida intimamente da sua pobreza ideológica e incapacidade de mobilizar massas populares, também se dispõe a absolver o sr. Getúlio Vargas de todas as culpas do seu passado fascista. Alguns líderes udenistas não escondem mesmo a sofreguidão com que encaram a possibilidade de uma "reconciliação" com o ex-ditador, desde que este esteja disposto a pagar por isso, com o seu apoio a um determinado candidato. O P. R., que tem expressão puramente regional e permanece

encasurado na sua tradição de estado-maior político de alguns clans de latifundiários com tintas aristocráticas, terá de ser caudatário de um dos outros dois partidos, provavelmente da U. D. N., com a qual tem mais afinidades. Só permanecem nas suas posições os blocos do getulismo e do ademarismo. Getúlio continua tirando proveito da situação, que trabalha para fortalecer-lhe o prestígio. Ele conhece bem a burguesia brasileira cujos interesses administrativos e amplos poderes, durante a sua ditadura. Sabe que os partidos políticos da burguesia não têm capacidade para ganhar prestígio perante as massas. Por isso, mantém reserva, deixando correrem os acontecimentos, para se decidir à última hora, Ademar, por seu lado, continua no seu papel de legítimo produto do aventureirismo de tipo fascista que nos tempos modernos se apresenta em todos os países com aspectos de "corrente política". Seu objetivo único é galgar o poder e para isso fará todos os acôrds e usará de todos os meios que se tornarem necessários.

É difícil prever, agora, como será utilizado o reagrupamento de forças políticas, em torno da sucessão presidencial. Os partidos que poderão decidir dos acontecimentos políticos não representam tendências, classes ou agrupamentos sociais nitidamente diferenciados, de modo a permitir uma previsão aproximada sobre o seu comportamento em face de um problema político agudo como é o da eleição de um novo presidente da república. A tradição da política regionalista, o personalismo dos chefes e caudilhos políticos, os seus

cheios de ambições e interesses pessoais que procuram atender, impedem, ainda, que os partidos políticos burgue-

(Continúa na 4.a pag.)

ATENTADO CONTRA A BOLSA DO POVO DE CAMPINAS

Protesto do Partido Socialista contra a fixação, pelos vereadores, de seus próprios subsídios

O diretório municipal de Campinas do Partido Socialista Brasileiro, formulou veemente protesto contra a Resolução aprovada pela Câmara Municipal fixando seus próprios subsídios, no momento em que a Municipalidade luta com dificuldades financeiras, tendo numerosas obras a realizar, distribuindo à imprensa o seguinte comunicado:

"Consumou-se mais um atentado contra o povo de Campinas e mais uma desilusão veio enfraquecer os ideais democráticos daqueles que lutam pela liberdade e pelo bem-estar do proletariado

. Como brasileiros, como socialistas e como homens do povo, não podemos deixar de sentir a repulsa causada pela atitude tão pouco democrática da maioria dos vereadores desta tão nobre e culta cidade de Campinas, ao vo-

O livro escabroso "ADEMAR E O ESTADO MODERNO"

O sr. Ademar parece que cometeu uma grande tolice. Revelou com muita antecedência a sua "orientação ideológica", prefaciando e elogiando o livro "Ademar e o Estado moderno" cuja autoria pertence a um dos participantes do grupo mais chegado ao governador. E o livro, que esboça idéias francamente inspiradas na ideologia fascista, tinha de causar celeuma, como de fato causou.

Que o sr. Ademar é matéria prima para um movimento fascista no Brasil já temos afirmado muitas vezes, desde que ele se apresentou como candidato, apoiado pelos comunistas. Só mesmo estes, cégeles pela fúria de ganharem uma lasca do poder que não viam ou não queriam ver isso. Todos os caudilhetes e chefes fascistas são homens do tipo de Ademar, cidadãos animados de imensa ambição de poder, megalomaniacos a ponto de se considerarem homens providenciais, audaciosos e sem escrúpulos, que não encontram campo de ação dentro dos quadros clássicos dos políticos profissionais da burguesia. A sua expressão social é constituída por frações da classe média e do operariado que se deixam seduzir pelos tipos audaciosos e aventureiros e também por ajuntamentos de carreiristas e oportunistas de todos os matizes que procuram galgar posição e satisfazer impetus de mandonismo ocupando lugares no carro do Estado todopoderoso. E, uma vez no poder, como não podem conservá-lo sem o apoio das classes dominantes, tais caudilhos de tipo fascista passam a ser fiéis serviços dos interesses capitalistas.

Não temos dúvida nenhuma de que se o sr. Ademar fôsse eleito presidente da República procuraria pôr em execução todas as "idéias" expostas no livro que tanto barulho causou. Essas idéias estão na linha de conduta que ele sempre observou, na sua educação política, nos

(Continúa na 4.a pag.)